



POR  
ESSA  
EU NAO  
ESPERAVA

JESSE Q.  
SUTANTO

POR  
ESSA ~  
EU NÃO  
ESPERAVA  
JESSE Q.  
SUTANTO

Tradução de Ana Beatriz Omuro



Copyright © 2022 by PT Buku Emas Sejahtera  
Publicado originalmente por Delacorte Press, um selo de Random  
House Children's Books, uma divisão de Penguin Random House  
LLC, Nova York.

Direitos de tradução acordados com Jill Grinberg Literary Mana-  
gement LLC e Sandra Bruna Agencia Literaria, SL.

Todos os direitos reservados.

TÍTULO ORIGINAL  
Well, That Was Unexpected

REVISÃO  
Midori Hatai  
Theo Araújo

DIAGRAMAÇÃO  
Ilustrarte Design e Produção Editorial

ARTE DE CAPA  
Isadora Zeferino

IMAGENS DE MIOLO  
Isadora Zeferino (flores na dedicatória, aberturas de parte, cabeço  
e colofão) e Freepik (flores nas aberturas de capítulo)

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO  
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

S966p

Sutanto, Jesse Q.

Por essa eu não esperava / Jesse Q. Sutanto ; tradução  
Ana Beatriz Omuro. - 1. ed. - Rio de Janeiro : Intrínseca, 2022.  
336 p. ; 21 cm.

Tradução de: Well, that was unexpected  
ISBN 978-65-5560-403-0

1. Romance indonésio. I. Omuro, Ana Beatriz. II. Título.

22-80449

CDD: 828.995983  
CDU: 82-31(594)



Meri Gleice Rodrigues de Souza - Bibliotecária - CRB-7/6439



[2022]  
*Todos os direitos desta edição reservados à*  
EDITORA INTRÍNSECA LTDA.  
Rua Marquês de São Vicente, 99, 6º andar  
22451-041 – Gávea  
Rio de Janeiro – RJ  
Tel./Fax: (21) 3206-7400  
www.intrinseca.com.br



Para a Indonésia, *tanah airku*,  
e indonésios em todo o mundo.



# 1



## Sharlot

### ENCARO O ESPELHO E TENTO MAIS UMA VEZ:

— Bradley, eu estou pronta. Quero fazer isso. Quero, hã, quero tran...

— SHAR, QUER SUCO? — grita mamãe alto o suficiente para ressoar do outro lado da cidade. A voz dela é como uma descarga elétrica nos meus nervos (muito) atacados.

— Não, mãe — respondo.

Balanço a cabeça de leve e continuo:

— Bradley, chegou a hora. — Ok, isso está meio esquisito. — Bradley, eu...

— ESTÁ BEM, VOU FAZER SUCO!

Pelo amor de Deus.

— Eu falei que não quero! — insisto, mas mamãe não escuta com o barulho alto do liquidificador.

Aff. Suspiro mais uma vez. Ok, vamos lá.

— Bradley...

— VENHA TOMAR SEU SUCO.

Bato as mãos na cômoda com força e desço as escadas em passos firmes.

— Falei que não queria — reclamo, irritada.

Mamãe franze as sobrancelhas e coloca um copo de suco de laranja com cenoura na minha frente. A cor é vibrante.

— Mas eu já fiz. Não desperdice comida. Existem crianças passando fome no mundo, sabia?

— Por que perguntou, então?

Eu não devia ficar brava, não é uma boa ideia, mas... Sério. Ela sempre faz isso, e não estou a fim de tomar suco.

— Shi Jun, você é muito mal-agraçada.

O nome chinês me tira do sério. Qualquer um acharia que escolher um nome que parece a junção de “Sharpay” e “malote” é a pior coisa que uma mãe poderia fazer. Mas não, sempre dá para piorar. Sempre.

Não me entenda mal, mas nomear a única filha de “Sharlot” é imperdoável para mim. Toda vez que toco nesse assunto, Ma faz um gesto de reprovação e diz: “Querida que fosse ‘Charlotte’, mas vai saber por que esses nomes em inglês não são escritos da maneira como se fala? Na Indonésia não é assim. Lá os nomes são escritos exatamente como são pronunciados. Kartika. Hartati. Não precisa escrever *Car-tee-car*. É *Kar-ti-ka*! Fácil! Diferente desses nomes malucos em inglês.”

“Por que me deu um nome em inglês se nem sabe escrevê-lo?”, é o que geralmente grito (quando chegamos a essa parte da conversa, na maioria das vezes estamos gritando).

“Porque quero o melhor para minha filha!”, é o que ela grita em resposta. “Tudo o que eu faço é para te dar uma vida melhor!”

Agora aqui está mamãe, usando meu nome chinês mesmo sabendo que eu o odeio. E por um bom motivo, não porque tenho vergonha da minha ancestralidade nem nada do tipo.

— Não me chame pelo nome chinês! — resmungo, irritada.

— É um bom nome — retruca ela. — Quer dizer “exército estudioso”? Nome bonito, forte... Todas as outras garotas têm nomes com significados ridículos como “flor linda” ou “céu lindo”. Quis que minha filha tivesse o melhor nome.

— Você errou os ideogramas chineses, por isso meu nome significa “bactéria correta”. — Pois é, “Sharlot” não é a pior



coisa que poderia acontecer. — Como consegue ser ruim em todas as línguas?

Para ser justa com a mamãe, mandarim é um inferno de difícil — existem múltiplos ideogramas com a mesma leitura. “Jun”, por exemplo, pode significar “exército” ou “monarquia”. Também pode ser “esperto”. Mas, dentre tantas possibilidades, Ma sem querer escolheu o que significa “bactéria”. Quais são as chances?

— Mandarim é muito difícil. Acha que ganhei tudo de bandeja como você, que tem professor particular? Não! Preciso aprender sozinha. Faça tudo sozinha...

— Se matriculou na escola sozinha — murmuro enquanto ela continua falando.

— Me matriculei na escola sozinha.

Conheço esse discurso de cor, então ignoro o sermão sobre como ela me criou totalmente sozinha, sem ajuda de ninguém! E será que eu tinha ideia de como era difícil? *MUITO DIFÍCIL, SHARLOT. Muito, muito difícil. Tão difícil que quase morro, olha minhas rugas! Não tenho nem quarenta anos. Asiáticos não deveriam ter rugas pelo menos até os sessenta! Viu só? VIU SÓ?*

Eu costumo deixá-la desabafar, extravasar um pouco. Mas hoje não. Simplesmente não consigo lidar com tudo isso agora, então lanço mão da única arma que eu sei que vai funcionar.

— Preciso ir. Vou estudar na biblioteca antes da aula.

Funciona. Mamãe se cala no mesmo instante e se apressa para terminar a marmitta que insiste em fazer para mim.

Um sentimento familiar de culpa me invade quando observo mamãe fechar o pote. Estamos brigando cada vez mais nos últimos tempos. Tudo pode se transformar em gatilho: eu passar muito tempo jogando no computador, escolher disciplinas de arte em vez de aulas avançadas, chegar tarde em casa e, lógico, dizer a ela que, quando eu me inscrever

para o vestibular no fim do ano, vou escolher Artes em vez de um curso que uma mãe asiática aprovaria, como Direito, Medicina ou Administração.

E é por isso que sou tão grata a Bradley. O doce e inocente Bradley Morgan, tão gato que fico sem fôlego toda vez que o vejo.

Meu celular vibra.

### **Bradley (07:15): Cheguei!**

Pego minha mochila e balbucio:

— Michie chegou.

Mamãe empurra a marmita na minha direção. Estou prestes a sair correndo, mas a culpa volta a me corroer. Rangendo os dentes, pego o copo de suco e viro tudo em um gole só. Mamãe sorri.

— Boa garota.

— NUNCA MAIS faça suco para mim. — Não sei por que ainda me dou ao trabalho de pedir; sei que vai entrar por um ouvido e sair pelo outro.

Calço os sapatos e me apresso. É um dia típico do sul da Califórnia — céu azul, calor infernal e clima propício para um dia de praia mesmo que tecnicamente ainda não seja verão.

Bradley estaciona na esquina para que Ma, ao espiar pela janela, não me veja entrando no conversível dele em vez de no robusto Volvo de Michie. Toda manhã, meu coração acelera quando vejo o carro prateado. E, quando Bradley coloca a cabeça para fora da janela e me dá aquele sorriso atrevido e brincalhão, meu corpo inteiro relaxa.

— Oi, amor — cumprimenta ele. — Você está linda.

*Não, você é que está lindo*, penso em dizer, mas me contenho. Preciso parecer menos ansiosa, mesmo que eu esteja morrendo de vontade de agarrá-lo.





— Queria te buscar em casa em vez de fazer você andar até aqui — diz Bradley como sempre, o que me faz derreter um pouquinho mais; gosto de saber que ele quer fazer as coisas direito, se certificar de que estou sendo tratada como uma preciosidade.

— Eu sei, amor. Mas você sabe como minha mãe é.

Trinco a mandíbula ao imaginar mamãe vendo Bradley na porta de casa. É um jeito certo de espantar um garoto.

Outro pensamento melhora meu humor e anuncio:

— Minha mãe vai trabalhar até tarde hoje.

— Ah, é?

Bradley dirige pela via principal com cautela, olhando para os dois lados e com as mãos firmes no volante. Ele é assim: tudo como manda o figurino. Se não fosse tão perfeito quanto um deus grego, provavelmente sofreria na escola. Mas por ser do jeito que é, Bradley é o astro do time de basquete — todo mundo está na palma de suas mãos grandes e fortes. E até elas são atraentes. Não consigo parar de espiá-las enquanto ele dirige, admirando como fazem o volante parecer pequeno.

Ok, estou excitada. E eu já mencionei que Bradley é muito bonito, certo? Estamos ficando há mais de um mês e, como eu contei a Michie, estou pronta. Eu e ele já conversamos sobre isso — ei, eu sou uma garota responsável, e ele é um cara decente — e decidimos que rolaria antes do fim do semestre e do terceiro ano, o que é em — socorro! — três dias. Apenas três dias para o início das férias de verão, quando Bradley vai viajar para a Costa Leste por duas semanas para visitar o pai. Pai. Queria poder passar duas semanas com o meu. Uma pena que eu não saiba nada sobre ele, tirando o fato de que é branco. Enfim, de volta ao assunto mais urgente: Bradley não é virgem, então me sinto meio insegura por ser minha primeira vez. Mas só preciso relaxar, porque Bradley provavelmente é o melhor cara com quem eu poderia ter minha primeira vez.

— Aham — respondo. — A firma de contabilidade da minha mãe conseguiu um grande acordo com uma empresa de arquitetura, New Country ou alguma coisa assim. Ela até comentou ontem à noite que vou precisar me acostumar a não tê-la tanto por perto, como se fosse uma coisa ruim. — Solto um ruído de deboche.

— Ah, ei, é a New Land Architecture? — pergunta Bradley, a voz toda alegre e animada.

Fecho a cara. Não foi assim que imaginei o desenrolar dessa conversa.

— É, acho que sim. Mas então...

— Nossa, que demais! Essa é a empresa que fez o novo teatro da cidade! Eu te mostrei no Instagram, lembra?

Além de excelente atleta, Bradley por acaso também é um entusiasta de arquitetura, e foi mais ou menos por isso que nos conhecemos. Somos um desses clássicos casais fofos de comédia romântica que pega o mesmo livro na biblioteca. Ainda não criei coragem suficiente para contar a ele que na verdade estava procurando *Arte moderna* e não *Arquitetura moderna*. Ele foi tão legal dizendo que eu podia pegar primeiro, mas só se lhe contasse o que achei do livro. Então fiz um esforço para ler um pouco do *Arquitetura moderna* só para termos um assunto para conversar, e cerca de uns trinta minutos depois já estávamos nos pegando.

— Lembro, aham, legal, legal. Enfim, a casa vai estar vazia, sem ninguém, só eu e você... — Deixo a frase no ar, sugestivamente.

— E...? — Bradley checa o espelho retrovisor e me olha de relance com um sorriso alegre.

Eu me seguro para não suspirar. Ele é tão gato que quase ofusca minha visão, mas às vezes Bradley é meio devagar. Odeio ser tão maldosa, mesmo que só na minha cabeça. Isso é totalmente algo que mamãe faria: avaliar alguém de



acordo com seus padrões elevados e malucos e julgá-lo por não atingir suas expectativas. Além do mais, acho um pouco injusto da minha parte considerá-lo burro se ele é brilhante quando o assunto é arquitetura.

— Hã, eu estava pensando que a gente poderia... você sabe. — Arqueio as sobrancelhas e logo depois me arrependo, me perguntando se o gesto pareceu assustador. Mas não importa, ele não tirou os olhos da estrada. Ah, se mamãe soubesse quão cuidadoso Bradley é no volante...

— Ah, você está a fim de jogar algumas partidas? A gente poderia chamar Michie e Joel.

Que droga! Como eu posso explicar que não estou falando de jogo?

— Não, Bradley, eu não quero jogar *Fortnite* — resmungo. — Eu quero transar!

O carro faz um desvio na pista. Buzinas soam estridentes, e seguro com força enquanto o veículo desliza e para no acostamento.

Bradley se vira para me encarar com os olhos arregalados.

— Puta merda. Sério?

Meu estômago revira e, de repente, minhas bochechas estão queimando.

— Bem... A não ser que você não queira. Aí não tem problema...

Eu só ia querer morrer, mas beleza, tranquilo.

— Não, lógico que eu quero, poxa! É só que... Uau. — A boca dele se abre em um círculo perfeito. — Tá, beleza. Ótimo! Com certeza!

Ele sorri, inclinando-se para me dar um beijo na bochecha. Bradley checa o trânsito e volta para a pista.

Ok, legal. Preciso me conter para não sorrir feito uma lunática. Daqui a apenas algumas horas, euzinha, Sharlot Citra, vou deixar de ser uma menina para me tornar uma \*~~mulher~~\*. Ou algo assim, só que menos nojento.

\* \* \*

À TARDE, ESTOU EM FRENTE AO ESPELHO ENSAIANDO poses para receber Bradley. Cabelo desarrumado de um jeito sexy, *check*. Hálito refrescante de menta, *check*. Dente sem espinafre, *check*. Respiro fundo e fico surpresa ao perceber que estou tremendo. Dane-se, eu vou fazer isso. E Bradley é o garoto perfeito para minha primeira vez. Só que meu estômago está embrulhado e tem suor no meu buço, o que com certeza não é nada sexy. Por favor, querido corpinho, pare de suar! Para garantir, pego o desodorante e o passo agressivamente nas axilas e embaixo dos seios.

Alguém bate à porta e me faz pular de susto. Coloco o desodorante na cômoda com certa relutância. De alguma forma, segurar o frasco me deu força, como se fosse uma espada mágica. Um sentimento bem normal ao segurar um desodorante.

Então é isso. Trêmula, desço as escadas e abro a porta.

Bradley está lindo como sempre, mesmo com os cabelos molhados — ele deve ter tomado banho no vestiário da escola. Eca, o vestiário. Afasto a imagem dos chuveiros mofados.

— Oi, linda. — Ele abre aquele sorrisinho incrível e conquistador, inclinando a cabeça para me beijar.

Na maioria das vezes, os beijos de Bradley me fazem esquecer de tudo, mas, dessa vez, me pego tensionando e com vontade de afastá-lo. Não, Sharlot! Por quê? Fecho os olhos com força e o beijo de volta, voraz.

— Uau — murmura Bradley, recuando um pouco e sorrindo confuso. — Você está bem?

— Aham. Vem, vamos lá. — Conduzo Bradley pelas escadas até o meu quarto.

Fecho a porta com um chute e praticamente o ataco. De repente, nossas mãos estão por todo o corpo um do outro, e os dedos dele deixam rastros de fogo na minha cintura.



Arranco a blusa e vejo Bradley perder o fôlego por um segundo. Obrigada, Victoria's Secret. Esse sutiã de renda lilás me custou uma mesada inteira, mas valeu cada centavo pelo olhar atônito de Bradley.

Quando enfim volta a respirar, ele parece um curador de arte reverenciando uma obra-prima de valor inestimável. Bradley engole em seco, o que faz seu pomo de adão subir e descer, então me beija de novo, dessa vez com delicadeza.

— Caramba, você é perfeita.

De novo, embora eu queira muito sentir o corpo quente dele contra o meu, uma pequena — talvez não tão pequena assim — parte de mim congela. Ele percebe a ligeira hesitação em meu rosto e murcha.

— Amor, se você não está pronta, não tem pro...

— Não, eu estou pronta. — Ele não parece acreditar, então começo a tagarelar: — Vai rolar, Bradley. Seu pênis dentro da minha vagina. Bom, na verdade, seu pênis dentro da camisinha dentro da minha...

— Tá, já entendi! — Ele ri. — Bom, se você tem certeza, então...

— Tenho certeza.

Provavelmente todo mundo sente um nervosismo de última hora. Provavelmente não, com certeza. Espanto minhas dúvidas e agarro a camiseta dele com mais força do que eu pretendia. Bradley cambaleia um pouco; por que isso não é tão sedutor e natural como nos filmes? Por fim, ele tira a camiseta, e seu abdômen me faz salivar, o que é tão nojento e assustador quanto parece.

— Posso... — A voz dele some quando baixa os olhos para meu sutiã.

— Pode, aham. Pode, sim.

Mordo os lábios e sinto as belas mãos dele nas minhas costas abrindo o sutiã. Ou tentando, pelo menos. Será que devo ajudá-lo? Isso vai acabar com o clima? Eu deveria aju-

dar... Não, não, acho que ele conseguiu... É, não foi dessa vez. Devagar, levo as mãos às costas e, depois de alguns segundos excruciantes, sinto meu sutiã se soltar. É isso. Vai acontecer. Até que enfim. Mas, em vez de alívio, um pânico escaldante me atinge. Antes que meu sutiã caia no chão, pego-o de volta e o abraço contra o peito. Meu rosto está queimando. Não sei o que está acontecendo, tudo parece certo e errado ao mesmo tempo. Meus olhos se enchem de água.

— Vixe, amor. — Bradley me abraça e me puxa para perto. — Ei, está tudo bem. Não precisamos continuar.

— Me desculpa, me desculpa mesmo.

— Para com isso, não tem problema — murmura ele, beijando o topo da minha cabeça.

Eu me entrego ao abraço e fecho os olhos. Embora eu esteja envergonhada e decepcionada comigo mesma, também me sinto aliviada. Muito aliviada.

— Bradley, eu...

Um grito sobrenatural interrompe o momento. Levanto a cabeça depressa, batendo-a no queixo de Bradley.

— Ai! — resmungo ele.

Mas não consigo prestar atenção nele, porque na porta do quarto está minha mãe, com a expressão mais furiosa e apavorante que já vi. Ela olha para mim como se estivesse vendo uma pessoa completamente diferente, como se eu fosse uma estranha que invadiu a casa dela.

— O QUE ESTÁ ACONTECENDO?

## 2



## George

ÀS VEZES GOSTO DE DEVANEAR SOBRE COMO SERIA minha vida se mamãe não tivesse falecido. Não tenho lembranças dela; tinha apenas quatro anos quando ela morreu no parto de Eleanor. Gosto de pensar que a vida seria muito diferente com ela por perto. Talvez um pouco menos caótica. Acho que mamãe era uma fonte de calma. A família dela com certeza é bem mais quieta do que a de papai. Acho que puxei a ela, esse é o problema. Ninguém na família do papai parece saber o significado de *silêncio* ou *paz*, incluindo Eleanor.

Em geral, tiro proveito disso. Eles são tão barulhentos que é fácil ouvi-los se aproximando e me esgueirar para meus esconderijos de costume. Nossa casa em Jakarta, na Indonésia, é gigantesca e oferece um número absurdo de lugares para se esconder: a sala de estudos que papai não usa, a biblioteca que Nainai não usa e a sala de jogos que eu e Eleanor estamos velhos demais para usar. Mas hoje acho que me distraí. Não ouvi os passos a tempo.

Em minha defesa, sou um adolescente saudável e estou fazendo o que adolescentes saudáveis fazem em seu tempo livre. Eu até terminei a tarefa de casa antes de começar a fazer essa coisa de gente saudável.

Ouço alguém bater à porta e dou um pulo, o coração quase saindo pela boca. *Meudeusmeudeusmeudeus...*

Só dá tempo de minimizar a tela do pornô antes de o papai invadir o quarto. Ele acha que adianta bater à porta meio segundo antes de entrar. Aposto que está arrependido, agora que estamos nos encarando em completo e total horror enquanto estou lutando para vestir a calça jeans de volta.

Felizmente ele desvia o olhar, as bochechas muito vermelhas, e balbucia:

— O quê...? Perdão, George...

Infelizmente, a atenção de papai se volta para o computador. Não sei bem por que ele parece ainda mais apavorado — eu havia minimizado o vídeo, que era bem leve para um pornô —, mas estou ocupado demais lutando com a calça para pensar nisso. Juro que meus dedos viraram salsicha e esqueceram como os botões funcionam.

Então — *ah, não!* — ouço mais passos barulhentos acompanhados de um cantarolar animado.

— Oi, papai. — Eleanor aparece na porta ao lado dele. — O que você está fazen... ECA!

— Eleanor, não é o que parece... — Bem, é, sim. É exatamente o que parece, na verdade.

Finalmente, *finalmente*, consigo abotoar a calça; ergo a cabeça e encontro meu pai e minha irmã olhando do computador para mim com uma expressão de horror indescritível. Droga, será que eu não fechei o vídeo? Sério, juro que é coisa leve, é um... Ah.

Quando fechei a janela com pressa, a tela mostrou outra aba aberta, um jogo que eu estava jogando antes de o chamado da natureza lembrar que sou um adolescente cheio de tesão. *Fields of Dreams* não faz bem meu tipo. É um jogo de fazenda com personagens adoráveis e cores primárias vibrantes. Em geral gosto de jogos de tiro em primei-



ra pessoa, mas eu tinha acabado uma partida puxada de *Warfront Heroes* com a galera e precisava de uma pausa. Enfim, não sei por que papai e Eleanor estão encarando *Fields of Dreams* como se o gnomo fofo e o texugo ainda mais fofo tivessem acabado de decapitar um ao outro.

— Hã, desculpa. — É muito difícil falar agora, como se minhas palavras estivessem se arrastando por uma poça de mel.

Eu deveria dizer algo a mais, me explicar, mas não sei bem se existe alguma explicação. Quer dizer, vou repetir: tenho dezessete anos, sou saudável e não estava fazendo nada esquisito ou errado, né?

Com um esforço óbvio, papai e Eleanor tiram os olhos do computador e voltam a me encarar.

— George Clooney — sussurra papai. Ele sempre usa meu nome do meio quando está bravo comigo, o que só comprova que ele e mamãe escolheram esse nome terrível apenas para me punir. — Você estava se masturbando com... hum... com...

— Com um elfo e um texugo dançando? — completa Eleanor, solícita. Ela parece ter se recuperado do choque, e o sorrisinho pretensioso estampa seu rosto.

— Como assim... NÃO! — Olho de novo para a tela e agora vejo que o pequeno gnomo barbado de fato está dançando com um grande texugo. — Isso é só... Não, gente. O gnomo está dançando porque, hã, o texugo deu um presente especial pra ele, olha...

Em desespero, clico para abrir meu inventário e percebo, tarde demais, que o presente do texugo para o gnomo foi...

— Uma suculenta berinjela extragrande — lê Eleanor com uma voz muitíssimo assertiva e, lógico, alta.

— Os animais te dão uma parte da colheita se você cumprir missões. Não faça parecer uma coisa estranha! — Percebo que minha voz está ficando estridente, mas não con-

sigo evitar. — Pai, juro que estava assistindo à pornografia normal. Tipo, era um pornô leve, superchato e respeitoso! Olha, vou mostrar meu histórico!

Mas papai e o restante da família não têm fama de serem calmos. Eles fazem mais o tipo barraqueiro. É nessas situações que eu gostaria que mamãe ainda estivesse aqui para acalmá-lo. Fico sem jeito e observo papai sair com tudo, me deixando sozinho com Eleanor e seu sorrisinho.

— Ai, caramba — resmungo, cobrindo o rosto com as mãos. — Juro que não era... Não foi isso.

Eleanor solta um suspiro dramático. Ela com certeza recebeu o gene da família Tanuwijaya. Tem todo um talento teatral, é a rainha do drama.

— Dã, eu já sabia.

Levanto a cabeça.

— Sabia?

Ela revira os olhos e se senta na beirada da cama.

— Ah, George Clooney. Eu tenho treze anos, não sou idiota. Já vi as coisas a que você assiste. É como você mesmo disse, superchato.

— Como... o quê? Calma. O quê? — Estou tão chocado com a revelação que não a lembro de me chamar de *gege*, “irmão mais velho” em mandarim.

— A senha do seu computador é o nome da mamãe — revela ela, com outro revirar de olhos agressivo. — Levei mais ou menos dois minutos para descobrir.

— Então você andou fuçando meu quarto?

Nossa, nem sei como me sinto. Violado, no mínimo.

— Só quando estou entediada. Mas é tudo culpa sua.

— O quê? Como assim?

— Bem, era para você me ajudar a convencer o papai a me dar um celular, lembra? Pensa só em quanto um celular me manteria ocupada. Não vou precisar bisbilhotar o quarto de todo mundo como passatempo. — Ela ergue as

sobrancelhas como se estivesse dizendo algo muito óbvio. O que, de certa forma, ela está fazendo mesmo.

Aperto a ponte do nariz. Há tanta informação para processar, além do fato de que papai ainda está pela casa, provavelmente se lamentando. Por sorte, Nainai — a vovó — tem deficiência auditiva. Ele teria que resmungar superalto para ela ouvir, e vovó ainda assim não entenderia.

Tá. Preciso focar. Uma coisa de cada vez. Mudar a senha do computador. É isso. Faço questão de ignorar Eleanor e começo a digitar. Nova senha. Humm. O aniversário da mamãe.

— Aposto que você está mudando a sua senha para o aniversário da mamãe — murmura Eleanor, debochada.

Levanto a cabeça e tento não parecer tão surpreso.

— Tão previsível — acusa ela.

Aff. Não consigo lidar com isso agora. Olho em volta e digito a primeira coisa em que consigo pensar: *mousepad*. Certo. Vou mudar a senha depois, quando conseguir apagar esse incêndio. Endireito a postura e aponto um dedo para Eleanor, autoritário.

— Nunca mais mexa nas minhas coisas, ouviu, Eleanor?

— Não está se esquecendo de nada?

Ranjo os dentes e respondo:

— Eleanor... Roosevelt.

É, meus pais têm uma coisa com nomes. É um costume sino-indonésio. As pessoas destroem nomes ocidentais por completo ou misturam dois nomes perfeitamente inocentes (no mesmo naipe de “Renesmee”, de *Crepúsculo*) ou usam o nome de celebridades brancas. Eu, um garoto perfeitamente normal, tenho vergonha do meu nome completo: George Clooney Tanuwijaya. Eleanor, por outro lado, adora ser chamada de Eleanor Roosevelt e ficou o ano passado inteiro pedindo que todo mundo a chamasse pelo nome composto.

Volto a falar, no tom mais baixo e ameaçador possível:

— NUNCA MAIS mexa nas minhas coisas.

Eleanor abre a boca, ofendida, e está prestes a dar uma resposta sarcástica quando ouvimos vozes no andar de baixo.

Meu coração, ainda se recuperando do choque, de repente dispara como um cavalo a galope. Mesmo no andar de cima e a pelo menos uns três cômodos de distância, não tenho como confundir aquela voz.

Eleanor e eu nos entreolhamos e dizemos juntos:

— *Oitava Tia.*

Corro para fora do quarto, Eleanor logo atrás de mim.

Apesar de ser a mais nova dos oito irmãos de papai, a Oitava Tia é a matriarca do clã Tanuwijaya, e não só porque ela é dona da maior parte da empresa da família, mas porque é charmosa, sagaz e a única dos irmãos capaz de manter a calma em qualquer situação para encontrar a melhor saída. Estremeço ao pensar qual seria a solução que ela proporia se papai contasse que me pegou gozando com um texugo. E papai com certeza vai contar, porque a Oitava Tia fareja o cheiro de problema, como um perfume muito forte, e começa a fuçar. E quando a Oitava Tia encasqueta, ela investiga com a astúcia e a eloquência de um agente da CIA. Não há nenhuma chance de papai — o irmão mais velho, honesto e desajeitado da família — esconder isso dela. Não há segredos em nosso clã, ainda mais com a Oitava Tia. Nem mesmo questões que as pessoas de fora da família consideram íntimas. Ela sabe de tudo, até a data em que as minhas primas menstruaram pela primeira vez. Nada escapa da Oitava Tia. Nadinha.

Minha nossa, corram mais rápido, pés! Por que a casa é tão grande? Uma família de quatro pessoas realmente precisa de tanto espaço?

Quando consigo chegar ao fim da grande escada caracol e passar do hall de entrada, da sala de estar formal, da sala de jantar formal, da sala de jantar casual e da sala de estar

menos formal, que é usada para receber os parentes mais próximos, já estou sem fôlego. Esbarro o ombro em uma das enormes portas duplas e vejo a Oitava Tia e o papai levantarem a cabeça, boquiabertos. Irah, a governanta, está tirando o último prato de crudités da bandeja de prata. Ainda bem — se Irah continua aqui, significa que papai ainda não contou nada. Eles não diriam algo que pudesse ferir a reputação da família com alguém por perto.

Mas meu alívio dura pouco. Observo a Oitava Tia sibilar em mandarim:

— Aham, sim, entendo. Uma questão muito delicada.

Mandarim. Nããão! Às vezes odeio o fato de que a maioria dos sino-indonésios fale três idiomas: indonésio, mandarim e inglês. Isso significa que papai e a Oitava Tia podem ter conversado sem que Irah entendesse uma palavra sequer. Então a Oitava Tia vira a cabeça e me encara como quem diz: “Como é que tantas gerações de casamentos muito bem planejados resultaram em você? Como a genética falhou tanto?” Na maioria das vezes, ela me olha assim, mas também com um ar de “Pequeno George Clooney, que fofo! Ele não é grande coisa, mas é o único homem dessa geração do clã Tanuwijaya, então devemos celebrá-lo, apertar suas bochechas e fazê-lo se alimentar de maneira saudável”. Mas agora esse ar carinhoso se foi. Papai com certeza abriu o bico. Caramba, ele deve ter contado todos os detalhes.

Deve ser estranho contar que flagrou seu filho se masturbando, mas minha família tem zero limite. Uma vez ouvi a Quarta Tia cochichando com a Terceira Tia se Kimberli, minha prima na época recém-casada, já estava grávida, e, quando a Terceira Tia disse que não, a Quarta Tia ligou para Kimberli no viva-voz e aconselhou o marido dela sobre as melhores posições para aumentar a chance de concepção. Não consegui encarar a Quarta Tia pelo resto do dia.

— *Aduh*, George. Sente-se aqui e explique-se — ordena a Oitava Tia, franzindo as sobrancelhas e dando tapinhas no lugar ao seu lado. De todos os irmãos de papai, ela é a única que fala inglês sem dificuldade, embora salpique as frases com umas pitadas de indonésio.

Como um filhotinho apavorado, eu me aproximo devagar. Eleanor chega pulando, esbanjando alegria.

— Ah, minha pobre querida Eleanor Roosevelt. — A Oitava Tia é também uma das poucas pessoas que acatou o pedido de Eleanor para chamá-la pelo nome composto. — Venha cá.

Eleanor obedece com uma afeição descarada e praticamente se joga no colo da tia, por muito pouco quase entortando o penteado enorme da mulher. A Oitava Tia faz um cabeleireiro profissional ir à casa dela a cada dois dias para lavar e fazer um penteado em seu cabelo. Eleanor diz que ela dorme sentada para não bagunçá-lo, e eu sinceramente não sei se ela está zoando. A aparência da Oitava Tia é tão exagerada quanto o cabelo — hoje ela está toda vestida de Dior: a longa saia de tule, o grosso cinto de couro e o blazer possuem a logo “CD”, e não tenho dúvidas de que até a maquiagem impecável é Dior. É com essa atenção aos detalhes que a Oitava Tia se dedica a cada aspecto de sua vida, o que é parte da razão de ela ser uma matriarca tão bem-sucedida.

Eu me ajeto na ponta do sofá, cauteloso, o mais longe possível das duas.

— Coitadinha da minha bebê — diz a Oitava Tia, acariciando o cabelo de Eleanor.

— Ah, tia, foi tão bizarro — choraminga Eleanor.

É sério isso?

Preciso resistir ao ímpeto de fuzilar Eleanor com os olhos. Posso jurar que minha cabeça se transformou em uma bola de fogo.

— Eu posso explicar...

— Não precisa — rebate a Oitava Tia, gesticulando para me interromper. — Eu entendo. É o que acontece sem uma figura materna. Falhei com você, George. — Ela parece tão decepcionada que me contorço, desconfortável, sem saber o que fazer. — Ouvi falar sobre essa tendência, sabe... — declara ela, como se fosse uma fofoca.

— Que tendência?

Minha nossa, aposto que ela acha que masturbação é uma modinha. A Oitava Tia se encolhe e abaixa o tom de voz.

— Essa tendência de... ah... de se tocar com a ajuda de animais de desenho animado.

Papai estremece, horrorizado, deixando escapar um suspiro baixo.

— Não é nada disso! — Minha voz sai tão aguda e rápida que só cachorros conseguiriam ouvi-la. Pigarreio. — Oitava Tia, sério, eu não estava...

Ela ergue a mão para me interromper outra vez:

— Está tudo bem, George. Entendo que você saiu dos trilhos. Seu pai e eu vamos pensar numa solução. Enquanto isso, concordamos que você deve ficar sem celular e sem computador.

Minha boca se abre em completo terror.

— Não, por favor...

Em uma fração de segundos, a expressão da Oitava Tia passa de tristeza para a ira de uma deusa.

— George Clooney, você vai ser o garoto-propaganda do nosso novo produto.

O novo produto a que ela está se referindo é o OneLiner, um aplicativo voltado para garotos adolescentes que será lançado daqui a cerca de um mês. É um dos nossos aplicativos com o objetivo de “fazer o bem para a humanidade” — temos vários deles à disposição, e eles sempre fazem maravilhas para a imagem da empresa. O OneLiner foi idealizado como uma maneira divertida de ensinar aos garotos

comportamentos adequados e respeito pelas garotas. Como diz a Oitava Tia, é triste ter que ensinar isso, mas, já que é necessário, não faz mal transformar a situação em uma propaganda positiva para a empresa. Para ser sincero, tenho até orgulho do aplicativo. A ideia foi minha, e não pensei que fossem levá-la adiante. Quando a família foi informada de que estava na hora de lançar um novo aplicativo de “fazer o bem”, receberam uma tonelada de ideias de todas as minhas primas, porque tradicionalmente usamos uma delas para divulgá-los. Com personalidade e bravura moldadas nas fornalhas de escolas particulares internacionais, minhas primas são ótimos modelos. Eu ficaria feliz em deixar qualquer uma delas ser a garota-propaganda do OneLiner, mas, infelizmente, como o aplicativo é voltado para garotos e o clã foi amaldiçoado com o fato de eu ser o único homem da geração, me tornei o rosto que ninguém queria ter no aplicativo.

— Olha, entendo que adolescentes fazem... bem, coisas de adolescentes — continua a Oitava Tia com uma careta. — Mas vivemos em um país conservador. Eu sei que é, hum... saudável, mas o representante do OneLiner não pode ser flagrado fazendo coisas desse tipo.

— Não era nada pervertido, eu juro! — grito, a voz falhando um pouco.

Ela mantém a mão erguida.

— Não importa, George. Por mais inocente que seja, tudo pode ser tirado de contexto. Lembre-se do que aconteceu com Millisent.

Dois meses atrás, na saída de um karaokê, prima Millisent (considerando todas as grafias esquisitas que um nome pode ter, o dela não é tão ruim, acho) passou os braços pela cintura das duas melhores amigas e beijou a bochecha delas. Um fotógrafo registrou o momento. Um gesto inocente, mas, como suas peças de grife mostravam mais pele do que as



pessoas daqui estão acostumadas, os sites de fofoca distorceram tudo e a acusaram de ter feito um ménage à trois selvagem no karaokê. O estabelecimento foi vandalizado por grupos extremistas, e Millisent e as amigas tiveram que se mandar às pressas para Singapura para fugir do escândalo. As ações da empresa da família caíram por dois dias até o circo midiático se voltar para outra situação.

— Precisamos tomar muito, muito cuidado. Não podemos correr riscos. — Ela respira fundo. — Sem eletrônicos até que o OneLiner seja lançado oficialmente, *titik*.

Ponto-final. A Oitava Tia está acostumada a ter a última palavra.

— Isso também vale para você, Eleanor — resmunga papai em indonésio.

Eleanor levanta a cabeça tão rápido que bate no queixo da Oitava Tia.

— Ai! — gritam as duas.

Mordo o lábio para prender o riso. Sei que é mesquinho, mas fala sério!

— Como assim, papai? — pergunta Eleanor, massageando a cabeça.

— Sem celular para você.

Eleanor está ultrajada.

— Por que não? A gente ia hoje comprar um iPhone!

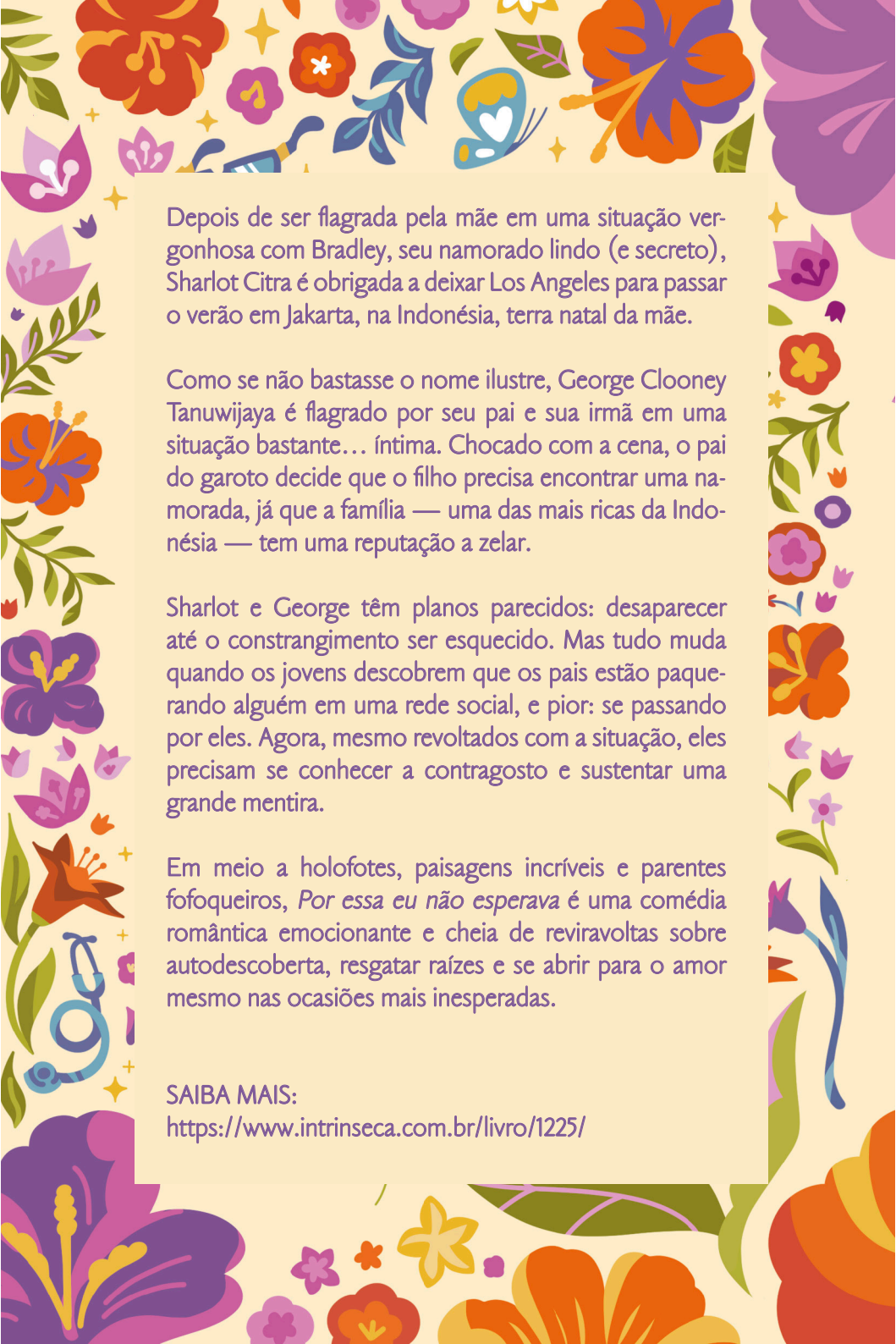
— Não me sinto seguro para lhe dar um celular. Olha o que aconteceu com o seu irmão.

— Isso é com o *gege*! Eu sou diferente, pai, o senhor sabe disso. Por favorzinho.

Desta vez, papai está impassível ao charme de Eleanor.

— Não. Tem muita gente estranha por aí. Vamos esperar mais um ano, aí podemos voltar a pensar no assunto.

A expressão no rosto de minha irritante irmãzinha quase faz valer a pena todo o constrangimento causado pelo infeliz incidente. Quase.



Depois de ser flagrada pela mãe em uma situação vergonhosa com Bradley, seu namorado lindo (e secreto), Sharlot Citra é obrigada a deixar Los Angeles para passar o verão em Jakarta, na Indonésia, terra natal da mãe.

Como se não bastasse o nome ilustre, George Clooney Tanuwijaya é flagrado por seu pai e sua irmã em uma situação bastante... íntima. Chocado com a cena, o pai do garoto decide que o filho precisa encontrar uma namorada, já que a família — uma das mais ricas da Indonésia — tem uma reputação a zelar.

Sharlot e George têm planos parecidos: desaparecer até o constrangimento ser esquecido. Mas tudo muda quando os jovens descobrem que os pais estão paquerando alguém em uma rede social, e pior: se passando por eles. Agora, mesmo revoltados com a situação, eles precisam se conhecer a contragosto e sustentar uma grande mentira.

Em meio a holofotes, paisagens incríveis e parentes fofoqueiros, *Por essa eu não esperava* é uma comédia romântica emocionante e cheia de reviravoltas sobre autodescoberta, resgatar raízes e se abrir para o amor mesmo nas ocasiões mais inesperadas.

SAIBA MAIS:

<https://www.intrinseca.com.br/livro/1225/>